



Patrícia Govaski
Valdemir Paiva
Victor de Leonardo Figols
Wallas Jefferson de Lima
(orgs.)

SOCIABILIDADES: NARRATIVAS DO OUTRO

 EDITORA
TODAS AS
MUSAS

Editor: Flávio Felício Botton
Supervisão Editorial: Fernanda Verdasca Botton
Capa e diagramação: Studio Vintage Br
Patrícia Govaski ©; Valdemir Paiva ©; Victor de Leonardo Figols ©;
Wallas Jefferson de Lima ©

Conselho Editorial
Claudia Priori – UNESPAR
Georgiane Garabely Heil Vázquez – UEPG
Leandro Brunelo – UEM
Marcio José Pereira – UEM

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização dos organizadores.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Kátia Aguilar CRB – 8/8898

T327

Sociabilidades: narrativas do outro/ Organização de: Patrícia Govaski; Valdemir Paiva; Victor de Leonardo Figols; Wallas Jefferson de Lima. São Paulo: Todas as Musas, 2019.
267p.

Bibliografia
ISBN 978-85-9583-051-6

1. Sociabilidade 2. Sociabilidade pessoal 3. História 4. História – linguagem 5. História e suas Interfaces I. Govaski, Patrícia; II. Paiva, Valdemir; III. Figols, Victor de Leonardo IV. Lima, Wallas Jefferson de.

CDD 378

Catálogo Sistemático
Sociabilidade 378; Sociabilidade pessoal 378; História 409; História – Linguagem 409; História e suas interfaces 409.

AGOSTINHO LEANDRO DA COSTA: UM “NARRADOR” NEGRO NA CURITIBA DO PÓS-ABOLIÇÃO

Pamela Beltramin Fabris¹

No ensaio sobre “O Narrador” escrito em 1936, Walter Benjamin relaciona um certo modo de ser afetado pelos acontecimentos à capacidade de transmitir experiências como atributos inerentes a figura do narrador.² De acordo com Benjamin, para que ocorra a transmissão de experiência é necessário um uso de formas menos padronizadas de linguagem, que envolveriam recursos como analogias, anedotas e metáforas³. Sujeito com um senso prático apurado, o narrador expressa em suas verbalizações o resultado de “uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia.”⁴ Para o autor, é também um fator em comum a todos os narradores uma origem popular, e, quase sempre, uma trajetória marcada pela proximidade com os círculos artesanais, nos quais as condições de existência favoreceriam o contato com o outro por meio da oralidade.

É possível que evocar o conceito de *narrador*, tal qual foi pensado por Benjamin, seja pertinente para pensar a trajetória de vida de Agostinho Leandro da Costa, ainda que não se trate necessariamente de um narrador tradicional dos tempos pré-capitalistas, mas sim de um narrador imerso na vida urbana, que “viajava” pelos diferentes espaços físicos e sociais: alfaiate, dono de botequim e de hotel (onde ele mesmo era o cozinheiro), vereador, rábula,⁵ diretor de jornal, líder do Partido Operário e Deputado Estadual, Agostinho Leandro, viveu grande parte da sua vida envolvido numa complexa rede de sociabilidades, formando-se e sendo formado a partir das histórias de vida que ouvia e vivenciava e de um olhar apurado voltado para as questões sociais e políticas de seu tempo.

Compondo parte da memória sobre sua presença em Curitiba, após 50 anos de sua morte, um cronista o descreveu como alguém “baixo, moreno, robusto, olhos negros muito vivos, capengando não sabemos se por defeito físico de nascença ou acidental, conhecia ele todo mundo e era de todos conhecido”.⁶ Para outro cronista,

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Email: pamfabris9@gmail.com

² BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas, vol.1) São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

³ BENJAMIN, 1987, p. 203

⁴ BENJAMIN, 1987, p. 221

⁵ Foram localizados, a partir de notas da imprensa, sete processos em que Agostinho Leandro aparece como advogado de defesa entre os anos de 1901 e 1904.

⁶ *O Dia*, 7 de março de 1954. p.4

Agostinho Leandro, aquele mulatão capenga, [...] além das atividades de hospedeiro, fundou um jornalzinho intitulado ‘Operário’ que servia ao tempo, de precursor das ideias socialistas, as quais posteriormente vieram a notabilizar mais figuras da política nacional.[...] ridicularizando a uns; encomiando a outros; fazendo gestos largos de predicador, qual o profeta Moisés, pregando ao povo Hebreu.⁷

A “pregação” de Agostinho, tratava-se, na realidade, de sua tentativa de intervir e se inserir numa sociedade altamente hierárquica e racializada. Figura popular, fazendo o uso da palavra, seja por meio da oralidade ou da escrita, Agostinho Leandro participou ativamente dos debates que envolveram causas dos trabalhadores, apontava possíveis caminhos a serem percorridos em busca de uma vida mais digna para os mais pobres, incomodando parte da elite política local, quando, por exemplo, tecia críticas ácidas a práticas como o nepotismo e o mal uso do dinheiro público. Nesse texto, portanto, busca-se analisar aspectos da trajetória política do militante Agostinho Leandro da Costa, considerando que, enquanto editor e principal articulista de seu hebdomadário político, a sua capacidade de estabelecer articulações entre os afetos e a escrita são análogas as qualidades que Walter Benjamin descreveu como próprias de um “narrador”.

“Um cavalheiro verdadeiramente popular”

Após contrair varíola, provavelmente, no Rio de Janeiro, meses antes da eclosão da Revolta da Vacina, Agostinho Leandro adoeceu e veio a falecer em Curitiba em junho de 1904. Um importante jornal local assim descreveu ocorridos envolvendo sua morte:

A notícia espalhou-se com rapidez admirável, enchendo de profunda consternação a sociedade curitibana, pois o sr. Agostinho Leandro era um cavalheiro **verdadeiramente popular**. [...] achava-se sempre ao lado das coisas nobres, pugnando ardorosamente em favor dos humildes e dos pequenos. Ainda no regime monárquico, quando moço, o sr. Agostinho Leandro foi um dos que mais batalhou pelo ideal republicano e pela liberdade dos escravos, sendo sócio do primeiro clube republicano que se fundou nesta cidade.⁸

Uma parte significativa da vida de Agostinho Leandro se passou no litoral do Paraná, na cidade de Morretes, onde nasceu no ano de 1857, vindo de uma família sem posses, formado pelo casal Leandro José da Costa e Josepha Maria Rodrigues, ambos identificados como pardos, conforme uma lista nominativa.⁹ A vida profissional dos primeiros anos de Agostinho Leandro pode ser caracterizada como propícia para a formação de um narrador, tal qual o descrito por Benjamin. Ainda novo, aprendeu o ofício de alfaiate, função que possivelmente o colocou em

⁷ *Diário da Tarde*, 17 de março de 1960. p.6

⁸ *Diário da Tarde*, 8 de junho de 1904. p.2, grifo meu.

⁹ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Lista Nominativa de Morretes, 1836, s.p. Essa documentação foi, gentilmente, cedida por Silvio Andriano Weber.

contato com um número significativo de contatos sociais. Aos vinte anos, ainda em Morretes, Agostinho fez parte da diretoria do Club Alpha, agremiação literária, exercendo a função de Procurador.¹⁰ Fundado em 1876, esse clube tinha por objetivo “dar a seus associados um ponto de reunião da instrução e recreio facilitando-lhes livros, jornais e outros quaisquer meios de distração.”¹¹ Além disso, estava previsto em seu regulamento, encontros semanais aos sábados para a discussão de assuntos, os quais seriam escolhidos por meio de sorteio.¹² Frequentando tal ambiente, é bem possível que Agostinho Leandro tenha aprimorado o hábito da oralidade e da leitura, entrando em contato com jornais e bibliografias diversas, já que em 1880 havia na biblioteca do clube 343 obras e jornais da Província e de fora.¹³ Ainda na cidade litorânea, e possivelmente influenciado pela sua presença no Club Alpha, Agostinho Leandro inicia sua vida enquanto parlamentar em 1882, conquistando 16 votos na eleição daquele ano, o suficiente para se eleger como vereador.¹⁴ O seu mandato, porém, foi curto, já que em 1884, Agostinho Leandro inaugurava em Curitiba, o Núcleo Popular, um botequim onde os frequentadores poderiam, além de desfrutar de uma variedade de bebidas e comidas, jogar bilhar e encontrar “jornais para proporcionar ao público a respectiva leitura.”¹⁵

Embora a notícia sobre sua morte o reconhecesse enquanto um lutador da causa da abolição, conforme mostrado anteriormente, até o momento, não foram localizadas documentações sobre a participação de Agostinho Leandro nos movimentos pelo fim da escravidão no Paraná, no entanto, é muito significativo que o jornal o tenha associado a essa causa, incutindo em sua trajetória uma conexão entre lutas as sociais no país. Já, no que tange às causas do “operariado” no pós-abolição, foi possível encontrar mais vestígios de sua atuação. Em 1890, Agostinho Leandro foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Partido Operário de Curitiba,¹⁶ e ainda que congregasse pessoas de origem sociais distintas, tal partido se destacava pela presença em seu meio de diversos homens negros, inclusive alguns que poucos anos antes haviam sido escravos.¹⁷

Em 1891, o partido ganha um novo aliado para a difusão de suas ideias, já que nesse ano surge em Curitiba o *Operário Livre*, jornal de tiragem semanal cujo diretor e redator-chefe era

¹⁰ *Provincia do Paraná*, 8 de abril de 1877.

¹¹ Estatutos do Club Alpha p.98. Arquivo Público do Paraná, AP657.

¹² Estatutos do Club Alpha p.100. Arquivo Público do Paraná, AP657.

¹³ Sessões do Club Alpha p.188. Arquivo Público do Paraná, AP589.

¹⁴ *Dezenove de Dezembro*, 2 de agosto de 1882. p.3

¹⁵ *Dezenove de Dezembro*, 9 de maio de 1884. p.4

¹⁶ *Sete de Março*, 6 de setembro de 1890. p.4

¹⁷ João Fernandes da Cunha, membro da Sociedade Beneficente 13 de Maio, fez parte da diretoria da partido em 1896. *A República*, 28 de março de 1896. Curitiba. p.2. E Décio Mesquita, pedreiro, escravizado em Curitiba até 1871, e membro de Partido Operário em 1896. *A República*, 28 de março de 1896. Curitiba. p.2 Thiago Hoshino discorreu sobre o processo de alforria de Décio Mesquita em: HOSHINO, Thiago A. P. *Entre o “espírito da lei” e o “espírito do século”*: a urdidura de uma cultura jurídica da liberdade nas malhasda escravidão. (Curitiba: 1868-1888). Dissertação: Mestrado em Direito. PPGD. Curitiba, 2013.

Agostinho Leandro da Costa. A experiência com a imprensa, a qual de certa forma já o acompanhava desde, pelo menos, a década de 1870, com sua presença no Club Alpha, se intensifica tornando-se uma marca fundamental em sua trajetória. O título escolhido para o jornal, *Operário Livre*, carregava em si, além de um apelo ao público leitor alvo, um adjetivo (livre) de uma importância simbólica que demonstrava um anseio pela a conquista de sua liberdade diante de uma sociedade altamente hierarquizada, em que se apresentavam diversos preconceitos. Em seu primeiro número o jornal anunciava que:

hasteando a bandeira das novas ideias e pugnando pelos direitos dos operários e artistas e, geralmente, do povo, das classes produtivas. Não podemos permanecer indiferentes ante a luta que se desenvolve na sociedade atual, **e na qual se manifestam todos os preconceitos dos tempos passados** [...]. Eis aí as ideias por que pugnamos; queremos o governo da MAIORIA, a liberdade do trabalho, do comércio, da consciência e a extinção de todos os privilégios e regalias da minoria.¹⁸

O jornal que circulou de forma irregular (sendo interrompido por diversos motivos, alguns dos quais serão tratados a frente) até 1898, normalmente era constituído por 4 páginas. A primeira, com um tom de seriedade, era uma página reservada para textos mais longos, cuja temática variava entre críticas a algumas práticas das autoridades políticas locais, propagação de instruções para a classe operária, relacionadas, por exemplo, com a importância do voto, da escolarização, a liberdade de imprensa, cobrando melhorias para os serviços públicos, a valorização do trabalho, ou ainda discorrendo sobre a situação da política nacional, inclusive deixando ver o crescente desencanto com o regime republicano. Tal temática acarretou uma série de complicações para Agostinho Leandro ao longo dos anos, como será visto adiante. As páginas 2 e 3 eram, em sua maioria, reservadas para as seções marcadas por textos satíricos, como as colunas “Telegramas” ou ainda “Sobre-Meza”, e a última página era composta por anúncios, que eram, em sua maioria, de artesãos locais, como a oficina *Tesoura da Moda* do alfaiate João Leandro da Costa, seu irmão, a *Casa do Pospissil Junior*, uma sapataria do militante político Antonio Pospissil Junior, membro do Partido Operário,¹⁹ e do *Hotel Paraná*, estabelecimento fundado por Agostinho Leandro da Costa, do qual, certamente, tirava a maior parte de sua renda, logo após o desaparecimento do seu botequim “Núcleo Popular”, em 1888.²⁰ Embora publicasse textos de autores consagrados, como Victor Hugo, e de indivíduos com uma certa notoriedade no âmbito local na época, a maior parte dos textos veiculados eram, de acordo com ele mesmo, de sua própria autoria. No entanto, ainda que seus textos prevalecessem, a maior parte da escrita no jornal apresenta uma variedade quanto ao estilo,

¹⁸ *Operário Livre*, 13 de fevereiro de 1891. Curitiba. nº1. p.1 grifo meu.

¹⁹ RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba* (1890-1920). 263f. Dissertação (Mestrado em História - USP), São Paulo, 1985. p. 123

²⁰ *A República*, 23 de agosto de 1888. p.2

já que cada seção exigia uma lógica própria, ou seja, Agostinho Leandro tinha uma notável capacidade de mudar seu modo de se expressar para se adaptar a diferentes exigências. Também era comum encontrar nos seus textos uma mistura de humor e seriedade.

No período em que Agostinho Leandro publicava seus jornais, estava em voga, num contexto nacional, discursos que operavam na lógica da modernidade, os quais, entre outras coisas, buscavam meios de tentar ultrapassar o passado. Tais discursos pode ser entendido como parte da “singularidade ocidental”²¹, discutida por Michel de Certeau. Em comparação com outros modos de vivenciar a experiência do tempo, esse autor destaca que no ocidente opera-se com a lógica da “exclusão”, da “ruptura”, do “presente autônomo”, em que é necessário diferenciar-se e afastar-se de um passado, entendido como “dejeto”, em vistas a alcançar o progresso. Assim, se era comum encontrar em textos da virada do século XX, nos milhares de jornais do país, o entusiasmo com o avanço da modernidade, nas páginas do *Operário Livre* o que se via era um tom de crítica e irreverência, colocando-o, portanto, numa posição que ia de encontro com uma visão historicista, já que essa se baseia na linearidade do progresso.

De acordo com essas elevações o velho mundo caminha e a inteligência progride admiravelmente. O leitor percorrendo todos os meios sociais, procurando todos os elementos de que se compõe a sociedade encontrará: Luz, Movimento, Invenções, tudo em alta escala e de acordo com os séculos das luzes ou o século do olho vivo. Os homens da ciência, os sapientísimos, dizem e sustentam, que as crianças que nascem hoje são mais inteligentes que os que nasceram anteriormente.[...] No primeiro ou segundo vapor o formoso jovem segue para as Academias Superiores [...] No fim de mais de 5 anos aquele jovem vai prestar exame final defendendo tese e preenchendo os graus científicos e para mostrar que sabe, ou que estudou, recebe um pergaminho muito bonito que é metido dentro de um canudo. [...] Nesse dia aquele pandego enfia-se em uma toga ou um hábito preto e todo hipócrita recebe o título de bacharel e o vulgo chama-o Doutor. Com esse título aquele monte de ciência julga-se muito *por riba* a ponto de ninguém perto dele saber nada. Logo que o doutor chega, os picoteiros em coro dizem como está gordo o seu *dortô*; outros, e bonito... [...] Dias passam e o Dr. é convidado para uma repartição pública que para bem da Pátria aceita. Logo que ocupa seu lugar não quer perguntar nada e devido a sua vaidade diz uma banalidade que desperta riso em um empregado velho. [...] S.Exm^a, chama todos os empregados a ordem quando um velhote chamado Leonardo lhe diz: ora doutor, você tem conhecimentos, porém há de aprender a prática cá com o velho; não sou formado em academias porém sou furreba na prática. Então o dr. conhece o *much* do velho e vão beber uma pichor juntos. Ambos eram formados um na prática e picotagem, outro na alta ciência.²²

É notável a alternância entre um narrativa com um tom de humor e de seriedade. Se as primeiras linhas do texto parecem carregadas de uma leitura historicista, aos poucos uma mudança de tom é sentida, com a paródia do discurso cientificista e moderno. Em questão, também encontra-se no texto, uma valorização da experiência prática, característica valorizada pelo narrador. O

²¹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p.16

²² *Operário Livre*, 28 de abril de 1896.

“dortô”, formado numa “Academia Superior”, não tem coragem de admitir a falta de senso prático que o emprego na repartição pública exige, tendo que aprender a “prática” com o “empregado velho”. Articulado o discurso douto e o “picoteiro”, o texto é construído para mostrar as contradições dos sentidos da modernidade e do progresso. Uma narrativa análoga encontra-se em uma das memórias de Agostinho Leandro:

A atual mocidade já ignora o que quer dizer “Domingo Gordo”, assim como os encantos que esse dia encerrava. [...] Era nos bons tempos do qual ainda tenho alguma reminiscência que um domingo gordo era respeitado como um dos maiores dias do ano. [...] Ao amanhecer o domingo gordo, os fandagueiros e fandagueiras saudavam aquele dia [...] Os parentes, amigos, compadres, reuniam-se tomando parte uns no barreado dos outros, e nessa agradável festa familiar, comiam o dia inteiro [...] O dia começava e encerrava entre comes e bebes ao som de uma ou duas violas e de um brinquedo geral entre o povo. Das duas horas da tarde em diante o brinquedo de água, o carimã e outros, eram trocados entre os homens e mulheres, brinquedos aqueles agradáveis, pois eram entre pessoas sinceras e amigas, e nessas condições os divertimentos são agradáveis, embora que a *sabedoria* moderna classifique como estupidez...²³

Se no texto anterior o progressismo é mostrado como uma lógica incapaz de dar conta da complexidade das questões práticas, nesse ele é criticado porque tentava apagar práticas que ainda poderiam ter pertinência no presente. Partindo de sua própria vivência, Agostinho Leandro evocava experiências do passado para legitimá-las no presente. Nesse sentido, o mesmo apontava para as constantes perdas sofridas na sua contemporaneidade, ou seja, para uma desqualificação do passado em nome do moderno, do progresso. Costumes como o fandango e o entrudo (“brinquedo de água, o carimã”) aparecem em seu texto como eventos em que familiares e amigos gozavam de momentos de sociabilidades, num período em que tais práticas sofriam constantes repressões, já que eram concebidas como ameaças à integridade do projeto moderno.²⁴ Se, como anteriormente aventado, as práticas de Agostinho Leandro eram análogas a de um narrador, não é de se estranhar que o contato direto com o outro e uma sociabilidade envolvendo o coletivo (sua participação em diversos espaços, como anteriormente visto) fossem hábitos tão valorizados por ele.

Mas, o diretor do *Operário Livre* também via o seu jornal como um instrumento para o fortalecimento e desenvolvimento da “classe operária”, talvez por isso, o mesmo, por vezes, expressasse preocupação quando alguém que julgava pertencer a tal classe devolvia o jornal (os jornais eram enviados por correspondentes para diversas partes do Paraná). Assim, anunciou no primeiro número que aqueles que comprovadamente não pudessem arcar com os custos, poderiam ainda sim ficar com o jornal, pois na sua concepção “esses pobres devolvendo o jornal ainda ficam,

²³ *Operário Livre*, 15 de março de 1896.

²⁴ Sobre a repressão a prática do entrudo, ver: PEREIRA, Leonardo A. De Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

se não me engano, mais pobres.”²⁵ Mas as devoluções também eram temas da seção humorística “Sobre-Meza”, na qual, ainda que fossem tratadas de um forma mais irreverente, não deixavam de transparecer conflitos de classe. Ali eram publicados casos que, ainda que possivelmente fossem ficcionais, transpareciam tais conflitos: um “moço bonito, rico, desempenado” de Paranaguá não assinaria o jornal, “nem que o diabo arrebente.”, já que, não estava disposto a “alimentar jornal pra falar da gente boa.”²⁶ Já, para outro homem, da cidade de Campo Largo, o motivo da devolução era outro: “temo medo de lê o Operário, pode o nosso chefe sabe.” É possível que as pequenas anedotas envolvendo as devoluções derivassem de cartas que realmente eram recebidas ou de opiniões que Agostinho Leandro escutava por suas andanças pela cidade, suas idas as sociedades operárias ou de seus clientes no Hotel Paraná, sendo assim afetado por tais experiências. O que publicava em seu jornal, portanto, era o resultado da transmissão desse afeto em forma de narração. Ainda nesse sentido, é possível pensar essa ideia enquanto uma produção de ficção, tal qual pensada por Michel de Certeau.²⁷ Para esse autor, fazer ficção é mostrar reais possíveis, e não inventar histórias inverídicas. Pensada dessa maneira, a ficção permitia a Agostinho articular relações políticas, sintetizando nas imagens do moço “rico” e “desempenado” e do trabalhador receoso do “chefe” conflitos de classe reais por ele observados e vivenciados

Ainda em defesa da classe trabalhadora, praticamente um ano após o surgimento do jornal, Agostinho Leandro concorreu as eleições de 1892 e foi eleito como Deputado Estadual. Tal novidade foi noticiada como uma vitória da “classe operária”, já que teriam um legítimo representante na política institucionalizada. No jornal lia-se: “O nosso diretor não é recomendado por títulos de nobreza, não tem carancha, penduricalho nem outro qualquer distintivo aristocrático, apenas é recomendado pelo seu honesto e conhecido proceder. [...] Hoje é o verdadeiro representante do povo...”²⁸. Ricardo Costa de Oliveira, ao estudar o poder público no Estado do Paraná, identificou Agostinho Leandro da Costa como o único “deputado ligado à classe operária”,²⁹ durante o mandato de 1892. O reconhecimento de sua militância pelas causas dos trabalhadores perdurou durante anos. A título de exemplo, ele foi escolhido, em 1903, por um grupo que assinava como “*classe operária*”, como candidato para as eleições estaduais daquele ano, já que, de acordo com os mesmos, Agostinho Leandro era o “advogado dos nossos interesses na

²⁵ *Operário Livre*, 13 de fevereiro de 1891. p.3

²⁶ *Operário Livre*, 26 de janeiro 1896. p.3

²⁷ CERTEAU, Michel. *Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p.301

²⁸ *Operário Livre*, 4 de fevereiro de 1892.

²⁹ OLIVEIRA, Ricardo da Costa. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001. p. 243

imprensa e em qualquer parte que a nossa causa necessite [...], com sua palavra independente, tem sido por isso perseguido, porque não sabe cabrestear nem engrossar ninguém.”³⁰

“essa república leprosa”: conflitos no imediato Pós-Abolição

Mesmo o *Operário Livre* adotando desde o primeiro número um tom combativo, é notável que a partir de 1895, notícias e matérias relacionadas a problemas enfrentados pela República se tornaram mais frequentes no jornal:

O que existe realmente é a descrença que leva em todos os espíritos, é a desconfiança que invade todos os ânimos, a desilusão que entristece, a decepção que punge, o horror que assalta todos os brasileiros! Ninguém contava com essa república leprosa, esfarrapada impúdica, desavergonhada! Merecem força e fuzil aqueles que criminosamente concorreram para torná-la assim asquerosa e repugnante! A república é uma vítima sacrificada a torpe exploração dos homens que a proclamaram, iludindo o povo com promessas fementidas de felicidade que não geza, e garantias de liberdade de que se acha privado!³¹

Tal texto, assinado pelo padre João Manoel, não dispensou uma retórica de violência e traz elementos que diferenciam bastante do estilo adotado, normalmente, por Agostinho Leandro. Mas, diversos outros textos publicados no jornal, discutiam sobre a falta de liberdade da imprensa, a quantidade de cargos criados para acomodar parentes e o descaso com a população, principalmente no que tangia o acesso a educação, apontados como práticas cada vez mais comuns do governo republicano. Dessa forma, no *Operário Livre*, assim como em outros jornais da imprensa negra época, como *O Exemplo*, do Rio Grande do Sul, e *Cidade do Rio*, dirigido por José do Patrocínio,³² tais críticas ganharam espaço para circular, repercutiram e, certamente, incomodaram. A perseguição que Agostinho Leandro sofreu, como será visto, ilustra mais uma das faces do racismo sentido pela população negra no final do século XIX.

Em abril de 1895, a oficina onde funcionava o *Operário Livre* foi empastelada por “Kagados dados a republicanos”,³³ os mesmos que o tacharam de “monarquista”, segundo palavras do próprio Agostinho Leandro. Mesmo enfrentando dificuldades, o jornal deu continuidade a suas atividades por mais algum tempo, até que em junho do mesmo ano Agostinho Leandro sofreu ameaças explícitas de um grupo que se autointitulava como membros da “Guarda Branca”, identificação que evidentemente pretendia marcar uma oposição em relação ao grupo de que se autodenominava como Guarda Negra. Segundo Flávio Gomes, formado majoritariamente por libertos, tal grupo, o

³⁰ *Diário da Tarde*, 25 de junho de 1903. Curitiba. p.2. grifo no original

³¹ *Operário Livre*, 10 de março de 1895.

³² PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa Negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010. p.152

³³ *Operário Livre*, 20 de abril de 1896. p.2

qual ainda carece de mais atenção por parte da historiografia, foi fundado com o intuito de defender a liberdade do ex-escravos e a princesa Isabel, e tinha entre seus correligionários maltas de capoeiras e ilustres conhecidos como José do Patrocínio.³⁴ Um texto publicado no maior jornal de Curitiba, *A República*, órgão oficial do Partido Republicano local, dirigido por Vicente Machado (que então ocupava seu primeiro mandato como senador) e assinado pela “Guarda Branca”, ao descrever como se deu um conflito com Agostinho Leandro, o descreveu como alguém de “chapéu claro todo desabado, calças claras, peituitaria muito clara, só o rosto é que era um tanto escuro”³⁵. Ainda de acordo com tal notícia: “terminou o primeiro ato e lá se foi o compadre Munheca [como o próprio Agostinho se intitulava] puxando a triste perna tomar ares lá fora! Maldita ideia... A *guarda branca* lá estava á espera de fazer-lhe uma manifestação pelas suas desinfelicidades no seu Operário Livre...”³⁶ Por fim, com um discurso altamente deprecativo, o grupo assim encerrava a notícia: “Dizem que se o Munheca perder a outra perna, andará de 4 para poder equilibrar-se... Ora que novidade!”³⁷ Em um telegrama enviado a jornais da Capital Federal, (inclusive, publicado no *Gazeta da Tarde*,³⁸) Agostinho Leandro confirmou o ataque sofrido na saída do teatro por “indivíduos suspeitos e armados”.³⁹

Poucos dias antes desse ataque, o mesmo grupo já havia procurado a redação do *A República* e em nome da “rapaziada republicana”, publicaram um texto ameaçando seus opositores: “toda vez que abusarem de nossa condescendência, hão de levar sapeca mestra. Portanto, bico calado, já ouviram?”⁴⁰ Em resposta aos ataques, Agostinho Leandro, que em nenhum momento se declarou monarquista, acusou o *A República* de envolvimento com as calúnias a seu respeito e em 16 de junho de 1895, afirmou, por meio de nota na imprensa, que iria suspender a publicação do seu jornal por falta de garantias da polícia.

Em novembro de 1896, quando o *Operário Livre* já havia retomado suas atividades, a coluna “Telegramas” faz menção, de forma bem humorada, a chamada “guarda branca”:

Do Partido Federal – Rio a coronel Batalhão Patriotas – Curitiba.
Embarquem com batalhão e tragam suas armas, é ocasião de salvarmos a República, também que embarque todos os valentes soldados da guarda branca aí de Curitiba...

³⁴ Sobre a conjuntura envolvendo a Guarda Negra, ver: GOMES, Flávio. “No meio das águas turvas”: raça, cidadania e mobilização política na cidade do Rio de Janeiro – 1888-1889. In: GOMES, Flávio e DOMINGUES, Petrônio. (orgs.) *Experiências da emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

³⁵ *A República*, 12 de junho de 1895. p.2

³⁶ *Idem*.

³⁷ *Idem*.

³⁸ *Gazeta da Tarde*, 16 de junho de 1895. p.1. Importante órgão da imprensa negra, dirigido anteriormente por Ferreira de Menezes e José do Patrocínio. PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. Tese (doutorado em História.) Campinas, Unicamp, 2014.

³⁹ *Jornal do Brasil*, 16 de junho de 1895. p.2

⁴⁰ *A República*, 7 de junho de 1895. p.2

Do coronel batalhão patriotas – Curitiba, a partido federal – Rio
Batalhão tudo pronto porém não embarca sem saber quanto tem de soldo... Os valentes da
guarda branca de Curitiba, só brigam aqui na canxa, por isso não embarcarão.⁴¹

Com tal discurso, o jornal apontava a covardia da “guarda branca”, já que só eram “valentes” em seu reduto. A escolha pelo termo “Guarda Branca” para se autodefinirem diz muito sobre a estratégia que o grupo adotou para combater aqueles que eram considerados os seus opositores. Ao evocar uma evidente contraposição à Guarda Negra, acionando os diversos conflitos ocorridos logo no pós-abolição, tal grupo, ao entrar em conflito com Agostinho Leandro, procurava usar o elemento racial de forma que o detratasse. Os insultos racistas e a violência verbal e física experimentadas por Agostinho Leandro certamente o afetaram, tendo, inclusive, impacto nas publicações do *Operário Livre*, já que ao voltar a circular depois dos conturbados acontecimentos é possível localizar (ainda que não muitas) referências a discursos que combatiam o preconceito racial e falavam sobre assuntos ligados a população negra da cidade. É o caso da denúncia envolvendo um presidente recém eleito do Clube 13 de Maio:⁴²

Este Clube que conta alguns anos de sacrifício, e lutas entre os seus sócios e sócias fundadores, hoje apareceu naquela democrática e boa sociedade um sr. Ferrabras que não sei porque arte foi nomeado presidente. Tem esse sr. desejado transformar o democrático Clube 13 de Maio, que em sua totalidade era de homens pretos, e em sua maioria de libertos com aquela santa lei em um Clube aristocrata, um segundo Clube Curitibano [...] O Sr. Ferrabraz [...] está franca e bruscamente desgostando e enxotando os sócios e sócias que por aquele clube além do entusiasmo e amor tem feito enormes sacrifícios. O sr. Ferrabraz não compreendeu ainda que o Clube 13 de Maio representa um franco protesto aos miseráveis mascates, marinheiros e verdugos dessa raça que os brancos julgam inferiores. [...] A virtude desse clube está na agremiação da classe preta, na harmonia dos seus sócios [...] Tenha paciência sr. Ferrabraz, o lugar de presidente na sociedade 13 de Maio coloca-lhe em más condições e torna-se um remendo branco em um paletó preto.⁴³

O autor do texto (possivelmente Agostinho Leandro) afirma, de maneira contundente, o caráter racial e de classe do clube portador de um papel político e social a cumprir, mas que via o cerceamento de suas práticas por conta da atuação de um “remendo branco” em seu meio.

Considerações Finais

⁴¹ *Operário Livre*, 14 de novembro de 1896, p.3

⁴² Tratei desse clube, junto com Thiago Hoshino em: FABRIS, Pamela B.; HOSHINO, Thiago A. P. Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio: mobilização negra e contestação política no Pós-Abolição. In: MENDONÇA, Joseli M. N. e SOUZA, Jhonatan Uewerton. (orgs.) *Paraná Insurgente – História e Movimentos Sociais*, século XVIII ao XXI. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

⁴³ *Operário Livre*, 7 de novembro de 1897, p.2

Em 1900, Agostinho Leandro, dando continuidade no seu trabalho com a imprensa, lançou o jornal *O Operário*, o qual circulou até o ano de sua morte, em 1904.⁴⁴ No editorial do primeiro número, com o mesmo humor característico do seu diretor, o jornal afirmava que, “Restabelecidos dos seus sérios incômodos, hoje o Operário, forte e armado com um feiche de canetas, 3 caixas de penas, 4 boiões de tinta,[...] apresenta-se no meio dos sábios, dos científicos, da rapaziada escovada, e com ares de quem sabe”.⁴⁵

Os jornais editados por Agostinho Leandro, colocaram em debate as demandas que faziam parte do seu presente e as expectativas de futuro que projetavam. Muitas das suas inquietações do cotidiano foram lidas, comentadas, criticadas por seus opositores, mas, também, certamente, circularam por espaços frequentados por trabalhadores, brancos e negros, fornecendo elementos a mais para as lutas pelo combate a discriminação racial, a conquista de direitos e por uma sociedade mais igualitária.

Mais um indício evidente do reconhecimento de suas lutas e da popularidade que alcançou, pode ser vista na letra de uma marchinha de carnaval, entoada pelo importante bloco carnavalesco curitibano, “Os Puritanos”:

Tonico assim viu fugir
A seus pés o Paraná
Como bonito menino
Quis a principio sorrir
Vendo perto o seu maná
Quis depois até chorar
Não podendo conquistar
Seu bendegó pequeno
Mas o Agostinho Leandro
(que dele ninguem se prive)
que é um refinado malandro.
Botou no Operário Livre...⁴⁶

Da convivência constante com as experiências com outros, construída a partir da circulação e imersão por diversos espaços de sociabilidade, Agostinho Leandro foi um sujeito profundamente afetado pelas disputas de poder de seu tempo, se inquietou diante das injustiças que presenciava, percebeu os problemas da modernidade, da República e a violência constante de uma sociedade racializada. Assim, buscou incessantemente fazer da própria vida um modo de articular as experiências de trabalhadores, as disputas políticas do seu tempo demonstrando um constante

⁴⁴ Infelizmente, até o momento somente o primeiro número dessa coleção foi localizado na coleção da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

⁴⁵ *O Operário*, 1 de janeiro de 1900. p.1

⁴⁶ *Operário Livre*, 23 de fevereiro 1896, p.2

anseio em transformar demandas sociais em ações políticas. Fundar o jornal pode ter sido um meio que encontrou para acalmar essas angústias e uma tentativa de reestabelecer modos de se comunicar com o outro. Tomando partido pelas causas das classes populares, assim se colocava diante das mazelas de seu tempo: “não tenho outro fim pugnando pela classe humilde a que pertença a não ser defendê-la, não olhando e nem medindo as más consequências que possam vir.”⁴⁷

Fontes:

Periódicos Hemeroteca Biblioteca Nacional:

- A República, Curitiba.
- Dezenove de Dezembro, Curitiba.
- Diário da Tarde, Curitiba.
- Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro.
- Jornal do Brasil, Rio de Janeiro.
- O Dia, Curitiba.
- O Operário, Curitiba.
- Província do Paraná, Curitiba.
- Sete de Março, Curitiba.

Coleção do jornal Operário Livre. 63 números. Acervo de Sílvia Araújo.

Aquivo Público do Paraná, AP657. Estatutos do Club Alpha p.98.

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Lista Nominativa de Morretes, 1836, s.p.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras escolhidas, vol.1) São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CERTEAU, Michel. *Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FABRIS, Pamela B.; HOSHINO, Thiago A. P. Sociedade Operária Beneficente 13 de Maio: mobilização negra e contestação política no Pós-Abolição. In: MENDONÇA, Joseli M. N. e SOUZA, Jhonatan Uewerton. (orgs.) *Paraná Insurgente – História e Movimentos Sociais*, século XVIII ao XXI. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

⁴⁷ *Operário Livre*, 16 de fevereiro 1896. p.1

GOMES, Flávio. “No meio das águas turvas”: raça, cidadania e mobilização política na cidade do Rio de Janeiro – 1888-1889. In. GOMES, Flávio e DOMINGUES, Petrônio. (orgs.) *Experiências da emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2011

HOSHINO, Thiago A. P. *Entre o “espírito da lei” e o “espírito do século”*: a urdidura de uma cultura jurídica da liberdade nas malhas da escravidão. (Curitiba: 1868-1888). Dissertação: Mestrado em Direito. PPGD. Curitiba, 2013.

JESUS, Matheus Gato de. Negro, porém republicano. In. MACHADO, Maria Helena P.T. e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.) *Emancipação, Inclusão e Exclusão: desafios do passado e do presente*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Ricardo da Costa. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001. p. 243

PEREIRA, Leonardo A. De Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa Negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. Tese (doutorado em História.) Campinas, Unicamp, 2014.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)*. 263f. Dissertação (Mestrado em História - USP), São Paulo, 1985.